
AUTOR:

Maurício Murad ¹

¹ Universo, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

<https://doi.org/10.5628/rpcd.13.01.57>

Violências e mortes no futebol brasileiro:

Reflexões, investigações,
proposições.

PALAVRAS CHAVE:

Violência. Futebol. Mortes. Repressão
Prevenção.

RESUMO

Este artigo analisa as relações entre a violência e o futebol no Brasil, estudando seus casos extremos: as mortes de torcedores causadas pelos conflitos entre torcidas. O Brasil é um dos países onde mais ocorrem mortes de torcedores de futebol. Dois são os principais objetivos deste trabalho: 1) propor medidas de prevenção e controle, para diminuir a situação dramática demonstrada na década de 1999 a 2008, período da pesquisa, situação que se mantém ainda hoje, junho de 2011, e 2) ajudar a planejar a segurança pública, no que toca ao futebol brasileiro, desde já e com vistas à Copa do Mundo de 2014, a ser realizada no país. Dados quantitativos e informações qualitativas foram correlacionados, para entender melhor as causas dessas violências e para reprimir e prevenir o vandalismo. A metodologia integrou técnicas quantitativas (mapeamento do perfil sócio-econômico dos torcedores mortos, de sua faixa etária e do tipo de vínculo que tinham com as torcidas organizadas) com análises qualitativas, as quais se basearam nos parâmetros dos órgãos da segurança pública e da justiça brasileiras, além de interpretações sociológicas e históricas. A recolha dos dados para o mapeamento dos torcedores mortos foi feita em três níveis complementares: levantamento (em jornais e revistas), confirmação (no Instituto Médico Legal) e aprofundamento (nos inquéritos das delegacias policiais).

Correspondência: Maurício Murad. Praia do Flamengo, número 382, bloco 2, apartamento 408 – CEP 22210-030. Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (m.mauriciomurad@gmail.com).

Violence and deaths in Brazilian soccer: Reflections, research, propositions.

ABSTRACT

This paper analyzes the relationship between violence and soccer in Brazil, focusing on its extreme cases, such as the death of soccer fans due to conflicts among supporters. Brazil is one of the leading countries in soccer-related violence (deaths included). This paper has two main goals: 1) to suggest control and prevention measures to improve the dramatic situation shown over the 1999-2008 period. Although this period is the focus of this research, it is worth mentioning that this situation is still the same nowadays (June, 2011); 2) to help security policy planning, which is an initiative aimed at the 2014 FIFA World Cup to be hosted by Brazil. In order to better understand the violence causes, as well as repress and prevent vandalism, this research combines qualitative and quantitative data. Research methodology includes quantitative techniques (such as mapping the socioeconomic profile and the age of the supporters that were killed, as well as their involvement with organized soccer fan clubs) and qualitative analyses, which were based on the parameters used by the Brazilian National Security and the Brazilian Justice System. In addition, the research was also based on sociological and historical facts. Research data were collected in three complementary levels: information gathering (in newspapers and magazines); information checking procedure (at the Brazilian Coroner's Offices) and further investigation (by analyzing the judicial inquiries at police stations).

KEY WORDS:

Violence. Soccer. Death. Repression. Prevention.

O principal objetivo do trabalho a seguir foi o de mapear as mortes dentro e fora dos estádios de futebol no Brasil, causadas por conflitos entre grupos de “torcedores organizados”. Mais concretamente: mapear, situar o problema, identificar suas causas e contribuir para ajudar no controle e na prevenção da violência, desde já, mas também visando a Copa do Mundo de 2014, a ser realizada no Brasil, e a seu legado social e cultural.

O estudo que gerou este artigo é de cariz descritivo, mas contextualizado histórica e socialmente, na realidade brasileira. O estudo tem ainda uma natureza especulativa, visando reduzir essas estatísticas de mortes de torcedores, no médio e longo prazos, e com isso contribuir para melhorar o preocupante panorama da violência em geral no Brasil.

Sua metodologia procurou articular diferentes níveis e instrumentos de investigação e análise, a fim de operar reflexões e propostas no curto, médio e longo prazos. Reflexões para se entender de forma mais aprofundada a violência no Brasil e suas manifestações no futebol brasileiro, notadamente, em relação à morte de torcedores, e propostas concretas para os organismos de segurança pública do país, para hoje e para o futuro. O primeiro passo da investigação foi o levantamento dos dados sobre as mortes de torcedores, no início de 1999, na mídia (jornais e revistas) e sua confirmação nos Institutos Médicos Legais, além do aprofundamento das informações, a partir dos inquéritos abertos nas delegacias policiais. Em seguida foi elaborado um quadro de indicadores, que mapeasse o perfil social, econômico e cultural dos torcedores mortos, para servir como ferramenta de acompanhamento dos períodos subsequentes.

Considerando que esta investigação, como é óbvio, está inserida nas reflexões mais amplas a cerca da violência, da chamada violência geral, julgamos oportuno iniciar o presente artigo tentando pensar a própria palavra violência.

Violência vem do latim *violentia* (vis = a força) e significa oprimir por meio da força - força social, das armas, força física, força simbólica. “Por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou até contra si mesmo). (...) a violência consiste, tem por finalidade, destruir, ofender e coagir. (...). A violência pode ser direta ou indireta” ⁽¹⁾. Isso, no que respeita ao conceito geral de violência, das práticas de violência observáveis na História. Em relação ao conceito de violência no futebol de alta competição, dentro e fora dos relvados, três são os tipos mais comuns: com os jogadores — agressão, mutilação, *doping*; com as claques — tóxico, conflito, morte; com os fãs em geral — insegurança, agressividade, morte. O futebol, onde diferentes práticas de violência acontecem de forma preocupante, pode ser também uma instituição voltada para a doutrina da não-violência. “O termo não-violência pode ser usado em duas acepções diversas (...). Na primeira (...) designa um modo de agir, (...) um conjunto de métodos ou técnicas de luta. Na segunda, (...) uma ‘doutrina’ ou um conjunto de idéias (...) e propostas de estratégia política (...). No primeiro caso, não-violência pertence à mesma classe do termo ‘violên-

cia' e a definição de um envolve a do outro. No segundo, o termo não-violência pertence à mesma classe (de) 'marxismo', 'anarquismo', 'liberalismo' e (sua) definição esboça uma concepção ético-política (p.814)" ⁽¹⁾. O termo não-violência tem um sentido civilizatório, de oposição à violência, isto é, à resolução dos conflitos pelo confronto físico, pela barbárie. A violência entre torcedores é ato de forte transgressão, exemplo de barbárie. O controle e a prevenção dessa violência, decorrentes de estudos e planos de segurança coletiva, são exemplos de atos civilizatórios.

O futebol tem potencial de sociabilidade para ser um processo lúdico que ajuda a reeducar, já que sua lógica desportiva está fundamentada na igualdade de oportunidades, no respeito às diferenças e na assimilação de regras e normas de convivência com o outro. Permite a prática de um dos ideais fundadores da democracia grega clássica: as atividades humanas devem ser coletivas, mas sem excluir o brilho da iniciativa pessoal. O futebol como "fato social total" ajuda a compreender as contradições de uma sociedade e, por isso, alcança uma significação ampla e suas simbologias transformam-se em objeto de estudo para as ciências sociais. Marcel Mauss conceitua "fato social total como aqueles fenômenos complexos, pelos quais o conjunto das instituições se exprime e o todo social pode ser observado", no *Ensaio sobre a dádiva* (1925), coletânea de textos intitulada *Sociologia e Antropologia*, embora "a noção esteja presente em toda a sua obra" ⁽²⁾.

O futebol é um fenômeno de largo alcance da vida e das culturas coletivas, porque ajuda na leitura de nossas contradições. Podemos dizer que dá conta da noção de "veneno-remédio", de Jacques Derrida, inspirada em Platão. Eloqüente representação de nossos dilemas culturais e inquietações históricas, uma espécie de *pharmakon*, onde "veneno" e "remédio" se instalam na mesma presença semiológica, uma semiologia política formada por tensões e até por confrontos ¹. Não se pode negar a violência no futebol, dentro e fora de campo. Suas fontes de consulta são a mídia, as delegacias policiais, os institutos médico-legais, as federações e a pesquisa acadêmica. Contudo, nosso referencial de investigação é que a violência no futebol é periférica e não estrutural, grave, mas inferior à sua dimensão não-violenta e sócio-pedagógica; são práticas de violência no futebol e não do futebol. Nosso princípio é o de que este desporto não é "violento em si", ao contrário daquilo que muitas vezes transparece na espetacularização da mídia ² e no imaginário popular. O futebol é um grande evento da "cultura das multidões", com manifestações de ambigüidade, embora as tendências "positivas" sejam superiores às "negativas". Entretanto, as distintas práticas de violência no mundo do futebol, seu lado mais obscuro e preocupante, muitas

1 — A farmácia de Platão (editada em português, em 1991, pela Iluminuras), é considerado um dos textos mais importantes de Jacques Derrida, cuja publicação original data de 1972, como parte do livro *La dissémination*. No que diz respeito à aplicação da ideia de "veneno-remédio", para uma leitura do futebol brasileiro, ver Murad ^(4, 5, 6, 7) e Wisnik ^(3, 4).

vezes se sobrepõem ao espetáculo, no melhor sentido da palavra, como cultura popular, criatividade coletiva, identidade, sociabilidade, sentimento de pertença. Em defesa dessa modalidade desportiva, por tudo que ela é e pelo mais que pode ser, que se coloca nossa investigação sobre as violências no futebol brasileiro.

VIOLÊNCIAS MACROSSOCIAIS NO BRASIL

“Foi nos anos 60 (...) que se começou a dar um espaço mais significativo à dimensão da violência no debate nacional. Já não se podia negar o conflito presente nas diversas esferas da sociedade (...). Começava-se, assim, a aproximar uma ‘idéia’ de Brasil de uma ‘idéia’ de violência, a qual, hoje, assume uma ‘onipresença’ (...)”⁽⁵⁾. No Brasil, a violência estrutura um quadro social perverso, que ocasiona um caldo cultural propício à anomia, à desordem, às práticas de brutalidade e à banalização de “poderes paralelos” – a chamada “violência ilegal”⁽⁶⁾. Já a dita “violência legal” é um dado estrutural-histórico da vida brasileira. Elemento fundador e estruturante de nossa sociedade, que nasce escravagista.

“Os brasilíndios foram chamados de mamelucos pelos jesuítas espanhóis horrorizados com a bruteza e a desumanidade dessa gente castigadora de seu gentio materno.”⁽⁹⁾. De acordo com a Faperj, “seis milhões de índios viviam de norte a sul no Brasil, em 1500, falando mais de mil línguas, ao passo que hoje, eles são apenas trezentos mil, com cerca de cento e oitenta dialetos”³. Mais de três séculos e meio de regime escravista, último país do mundo a abolir a escravidão, agudas exclusões sociais, raciais e outras, eis as marcas da formação brasileira, resultantes dos modelos da exploração colonial, do escravismo e

2 — “Em todas as suas formas específicas, como informação ou propaganda, como publicidade ou consumo de entretenimento direto, o espetáculo é um modelo presente da vida socialmente dominante”⁽²⁾. Destaque-se, na citação, que “o espetáculo é um modelo”. O livro tem sua edição original em língua francesa, é de 1967 e pertence ao selo da Buchet-Chastel, de Paris.

As notícias midiáticas fazem parte do conjunto das produções sociais e simbólicas e podem servir como “material empírico” para o exercício da análise, como um dos seus pontos de partida, mas não como o ponto de chegada. Torna-se imprescindível analisar os contextos de interesse nos quais os *mass-media* estão inseridos e considerar o seu grau de poder, imediatismo e superficialidade, na medida em que as fontes não são observadores neutros da vida social. Deste modo, devem representar um dos aspectos da interpretação de cunho científico e não a sua dimensão principal. Além de tudo isso, é necessário cuidado com os meios de comunicação, enquanto fontes de consulta e pesquisa, uma vez que, de propósito ou não, há uma gama razoável de erros nas notícias, que nem sempre são corrigidos devido a pressa, ao despreparo ou a intencionalidade. É fundamental, portanto, cruzar e conferir dados e informações e não tomá-los diretamente, em “estado bruto”. É assim e deste modo que, do ponto de vista teórico e metodológico, o “noticiário” deve ser entendido e deve ter este estatuto epistemológico.

3 — “Revista FAPERJ 2000”, Governo do Estado do Rio de Janeiro – Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, ano IV, n.º 22, janeiro/ fevereiro de 2002, p. 3.

das políticas concentradoras de riqueza, poder e oportunidades, de uma classe dominante interna comercial, latifundiária, industrial e financeira. Das imposições culturais etnocêntricas, que facilitam a chamada “violência simbólica” (e outras), até a expropriação das riquezas, passando pela violência física, inclusive a sexual e não só de mulheres, a cultura da agressividade entre nós alcança, por vezes, proporções lancinantes.

É isto desde um estranhamento étnico inicial, contido em nossa “certidão de batismo”, a Carta de Pero Vaz Caminha, Escrivão-Mor da frota de Pedro Álvares Gouveia (Cabral) e Escrivão-Mor da Câmara Municipal do Porto. De 1 de Maio de 1500, está nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa ⁴, sob o estudo paleográfico de Jaime Cortesão e registrada no documento do Livro 13, da Reforma dos Documentos das Gavetas A F. 43. À folha número 1 verso lê-se a célebre sentença que considerava “vergonha” o nudos corpos, pela exposição das partes genitais: “(...) *homees pardos todos nuus sem nhuua cousa que lhes cobrisse suas vergonhas*”. Quanto à presença da violência nos hábitos preexistentes da nova terra, antes da “descoberta”, o relato de Hans Staden tem reputação clássica: “quando trazem para casa um inimigo, os primeiros a bater nele são as mulheres e as crianças. (...). Depois dão-lhe uma mulher, que o alimenta e também se entretém com ele. Se ela recebe um filho dele, criam-no até que fique grande e depois, quando lhes vem à mente, matam-no” ⁽¹²⁾. Já o Padre António Vieira, ao tratar dos tempos inaugurais da formação colonial da sociedade no Brasil, entre os séculos XVI e XVII, com a agro-manufatura açucareira, monocultural, latifundiária e escravista, fala sobre o “Engenho como inferno, com suas caldeiras fumegantes a incendiar carnes vivas” ⁽¹³⁾. A simbologia de Vieira é maior do que pode parecer. O conceito de Engenho (assim mesmo com maiúscula), na historiografia brasileira, tem uma acepção mais larga do que o sentido imediato, que aponta para a engrenagem que transforma a cana em açúcar. Engenho é o conjunto, o todo da unidade produtora do açúcar no Brasil Colônia, que inclui, além do engenho (com minúscula), a lavoura, a casa grande do senhor, a senzala do escravo, a capela e demais componentes. No *Sermão de Santo António aos peixes*, o Padre Vieira faz uma crítica feroz aos grupos dominantes, que semeiam a ganância, a corrupção e a violência. Entre os estudiosos da violência há um consenso de que a injustiça e a impunidade são estruturais na história brasileira e por isso são dimensões macro-sociais da violência no país.

4 — Este é um documento primário absolutamente fundamental, sobre a história dos primeiros instantes da colonização brasileira. Entretanto, o maior e mais completo acervo para a investigação primária e sistemática, do Brasil Colônia, está no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, no qual estão organizadas e catalogadas mais de três milhões de páginas manuscritas sobre esse período de nossa história. O poeta brasileiro Gonçalves Dias foi o primeiro pesquisador a desbravar essa documentação historiográfica, em meados do século XIX.

É devido a motivações estruturais e conjunturais, que a violência cresce e generaliza-se na sociedade brasileira, de forma assustadora, alcançando a tudo e a todos quase indiscriminadamente. No trânsito, nos lares, nas escolas, nos hospitais, nos locais de trabalho, nas praias, nas boates. Contudo, no âmbito do futebol, não se observa essa generalização tão acentuada das práticas de violência, notável em quase todos os setores. É indiscutível que há problemas de violência e corrupção no futebol, em escala crescente em muitos casos, como o dos óbitos de torcedores, mas decrescente em outros, como o dos conflitos coletivos dentro dos estádios brasileiros. Do lado de fora a realidade é outra. Todavia, a violência entre jogadores e entre fãs é obra de minoria e a corrupção e a impunidade são, antes de mais, uma questão histórica para o país e não uma particularidade dos dirigentes desportivos. Tem a ver não apenas com a gestão do desporto, mas também com os dirigentes de um modo geral, tanto de instituições públicas quanto privadas. Alimenta suas raízes, além de outros aspectos, na política de privilégios, na concentração do poder, na democracia insuficiente, cidadania precária, na naturalização da corrupção e da impunidade, mais do que com algo específico, privativo do futebol. A crise social brasileira é grave, apesar dos esforços em minimizá-la. Iniciativas, algumas meritórias, não conseguem superar na raiz a desigualdade, a concentração de renda e a concentração de oportunidades, traços marcantes de nossas realidades econômicas, políticas e culturais. As estatísticas confirmam quadros perversos na distribuição de renda, na concentração do mercado de empregos e nos desníveis regionais, além da malversação dos recursos públicos. Saúde e educação, instituições essenciais ao processo de desenvolvimento, debatem-se há muito tempo numa verdadeira “areia movediça”, um redemoinho que puxa para baixo e leva para o fundo. A nossa crise social parece não ter soluções de alto nível nem no médio prazo. Somente no longo prazo é possível se pensar em alguns resultados positivos, mas isto se começarmos a trabalhar a sério, desde já, de forma integrada e em todos os níveis.

VIOLÊNCIAS E MORTES NO FUTEBOL BRASILEIRO

A seguir, a apresentação dos resultados mais pertinentes para a compreensão do fenômeno em estudo, isto é, as práticas de violência no futebol brasileiro, entre os setores violentos das claque, destacando seus índices mais dramáticos: a estatística das mortes e nestas os óbitos de torcedores inocentes, fãs sem nenhuma ligação com os grupos agressivos. Em que pese serem minorias (entre 5% e 7%, dos organizados), esses grupos de vândalos, delinqüentes muitas vezes, são perigosos. Organizadas militarmente em “tropas de choque”, “pelotões de combate”, “famílias”- no sentido mafioso do termo – são treinadas em academias clandestinas de artes marciais e não raro tem ligações com o chamado crime organizado e o tráfico de drogas. A desagregação das relações de civildade e humanidade,

nesses casos, são sinais daquilo que ressaltamos acima: a crise social brasileira parece não ter soluções nem no médio prazo. Somente no longo prazo é possível se pensar em alguns resultados positivos, mas isto se começarmos a trabalhar a sério e já. O Brasil é um país que tem uma história violenta, basta ver sua imensa concentração de riquezas (a quarta pior do mundo/ ONU/ 2008). As macro-violências se reproduzem no dia a dia da população, no trânsito, na escola, família, trabalho, saúde, sistema penitenciário, polícias. Se quase todos os segmentos da vida no Brasil são atingidos por essas práticas de brutalidade, o futebol também não fica imune a elas.

Conforme já sublinhamos em outros trabalhos ⁽⁷⁾, sociologizar é, em certo sentido metodológico, contextualizar. E isto para uma compreensão mais ampla dos temas investigados, para dar maior fidedignidade teórica às reflexões e maior fiabilidade empírica aos resultados. Assim, na perspectiva da contextualização, é possível se dizer que determinadas práticas de violência no universo do futebol, não são do futebol, embora ocorram no futebol. Não são intrínsecas ao futebol, mas são violências de origem macro, que se manifestam no âmbito micro-social e que só podem ser satisfatoriamente compreendidas, se contextualizadas em nossa história, sociedade e cultura e política. São práticas de agressividade, ilícitas, desrespeitos à ordem e à segurança pública, que acontecem para além do futebol e com índices bem acima dos verificados nas praças desportivas. Mas há também um conjunto de violências no futebol, que são específicas do futebol. Específicas, não exclusivas. Violências ligadas à cultura da masculinidade, da não-diferenciação entre rivalidade e agressividade, da juvenilização transgressora (a maioria das claques envolvidas em conflitos são chamadas "jovens"), da covardia. Alimentam-se na psico-sociologia da multidão - esta facilita o anonimato, fator estimulante do ilícito -, da exacerbação das emoções, além da "inversão do código vigente", conforme Mikail Bakhtine, elemento de liberdade, sim, cujo paradoxo pode ser uma licenciosidade hedonística e narcisista, que desvie as condutas para a "agressividade maligna", de acordo com Erich Fromm. A confusão entre ser adversário e ser inimigo, também pode ajudar a entender a diferença entre paixão (o "outro" é visto como adversário) e fanatismo (o "outro" é visto como inimigo), distinção tão importante para o estudo teórico do problema, bem como para medidas de intervenção. Os limites a essas práticas de violência, tanto as macro quanto as micro-sociológicas, tem que ser dados pelos "instrumentos civilizatórios", disponibilizados historicamente: a Lei, a ordem pública, a democracia, a justiça, a segurança coletiva.

Na esfera da violência no futebol, os sentidos desse trabalho devem combinar a repressão, que é própria do curto prazo, a prevenção, que é característica do médio prazo e a reeducação, que é definidora do longo prazo. E isto em direções articuladas, recíprocas e com sustentabilidade científica, ou seja, tomando-se por base pesquisas consistentes e direcionadas para a análise, o diagnóstico e propostas objetivas de investimentos e intervenção concreta. As propostas daí decorrentes devem buscar na prática planos de traba-

lho qualificados, de inteligência, de prevenção e de ações repressivas profundas, permanentes, combinadas e seletivas, em especial nas áreas e nos grupos sociais em processos mais agudos de degradação e violência. Essas realidades geralmente são dominadas pelo narcotráfico, pelo contrabando de armamentos, pelo ilícito e por práticas múltiplas de brutalidade. Mais recentemente essas regiões conflagradas conheceram as ações das milícias, grupos para-militares constituídos por ex-policiais, que sob a alegação de combater a “bandagem” disputam com o tráfico o domínio político e a exploração econômica das áreas enfaveladas. Situação que agrava a anomia do local, a ausência dos serviços básicos (obrigação constitucional do Estado), a tensão e a insegurança dos moradores, que em sua maioria são trabalhadores pacíficos, cidadãos que pagam seus impostos em dia e lutam com muita dificuldade pela manutenção de sua família nuclear.

Nessas realidades precárias são os jovens (15 a 24 anos) os mais atingidos pela violência em geral. São também os jovens que formam os grupos mais violentos das claque e que historicamente formaram essas torcidas, a partir de 1969/ 74, período mais sombrio da ditadura militar no Brasil. O militarismo então vigente e os comportamentos de agressividade, que predominavam em diversos setores da sociedade brasileira, influenciaram a organização das torcidas nesta época. Foi a partir dessa conjuntura, que as práticas de violência começaram a aparecer, de forma mais aguda, nos estádios brasileiros e em seus arredores.

Aspecto a ressaltar, quanto aos conflitos entre as torcidas organizadas de futebol, sempre revisitados pela mídia, é que os próprios veículos de informação, em muitos países, Brasil inclusive, “foram acusados de promover e alimentar permanentemente todo o tipo de alienação através do esporte”⁵. Em um relatório do Conselho da Europa, de 1988, a imprensa foi acusada de amplificar o fenômeno *hooligan*, criando expectativa nos próprios torcedores violentos, além de ‘encomendar’ imagens de violência. Dez anos mais tarde, intelectuais de diversos países reunidos durante a Copa da França, em 1998, discutiram questões como racismo e violência no Mundial, voltando à questão e apontando a mídia como co-produtora do *hooliganismo*”. Em sua obra maior, *O capital*, Marx previu o “fetiche da mercadoria” como marca da produção e da ideologia capitalistas. Creio que podemos falar, em paráfrase a Marx, numa “fetichização” do *écran*, da imagem. Transformada em ideologia no mundo globalizado, a espetacularização foi ao encontro da televisão e elegeu-a como seu instrumento de difusão por excelência, objeto de desejo e critério de avaliação da “verdade”. Uma espécie de reedição contemporânea do oráculo mitológico clássico. A

5 — Um bom exemplo no caso brasileiro é o programa televisivo “Globo esporte”, em todo o seu formato e conteúdo, desde a apresentação até a seleção, a edição e o sentido das matérias e das imagens. Produção brasileira do canal 4, Rede Globo, é retransmitido diariamente pelo GNT/ 8/ Portugal. É o *showrnlismo* dos meios de comunicação de massa que, em geral, induzem o telespectador/ leitor a abandonar qualquer reflexão. O poeta brasileiro Gonçalves Dias foi o primeiro pesquisador a desbravar essa documentação historiográfica, em meados do século XIX.

imagem (*imago, simulacrum*) que não é propriedade da TV descobriu nela o veículo modelar deste *zeitgeist* (“espírito de época”, o clima cultural num dado espaço e contexto), devido à sua capacidade exponencial e quase instantânea de repercussão e influência. Neste sentido, o imaginário (instância simbólica dotada de considerável grau de eficácia ⁶, que é produtora e reprodutora de significações e tendências), fundado na dimensão humana da imaginação, da fantasia, da inventividade, cuja raiz etimológica é o *fictus, imaginarius*, parece estar cedendo espaço e sendo, cada vez mais, demarcado pelo, digamos assim, “televisário”, no qual o simulacro imagético transforma seu jogo de mito e sedução, de interesse e aparência, em elemento fundante de um “imagemnário” pós-moderno.

O imediatismo, o mercantilismo e a busca desenfreada pela audiência, por parte dos “marqueteiros”, fazem com que a mídia ⁷, tantas vezes, no processo de editar as seqüências, dar publicidade ao fato, escolher e privilegiar o que deve e o que não deve ser notícia, de fazer do pontual o principal, do lateral o nuclear (caso da violência no futebol), banalizar e até mesmo naturalizar (o que é ainda mais grave) um fenômeno, ajudam a “criar realidades”, intencionalmente ou não. A concorrência empresarial do setor chega a limites críticos, quase selvagens. “Pensamos que o melhor livro de *marketing* foi escrito por um general prussiano aposentado, Karl von Clausewitz” ⁽¹⁰⁾. E para fechar esta idéia, os autores adicionam o seguinte postulado, o qual (quero crer) fica martelando em nossos corações e mentes: “*marketing* é guerra, o concorrente é o inimigo e o objetivo é ganhar a batalha (p.1)” ⁽¹¹⁾. Michel Maffesoli, sociólogo e professor da Sorbonne, cunhou o trinômio “midiacracia, mediocridade e mesocracia”. “Sem objetividade nem subjetividade” — assim, Lukács (1885/ 1971), filósofo marxista da arte, definia a maior parte dos jornalistas. É de Bernard Shaw (1856/ 1950), a demolidora sentença segundo a qual os jornais são incapazes de distinguir a diferença entre um acidente de bicicleta e o colapso da civilização e de Mahatma Gandhi (1869/ 1948), aquela em que dizia acreditar na igualdade para todos, menos para jornalistas, repórteres e fotógrafos (*sic*).

Por um lado há ocorrências violentas no futebol, dentro e fora dos relvados, por outro encontramos em quase todos os países, com realidades diversas, numerosas, crescentes e bem-sucedidas experiências educacionais desportivas, com mais destaque para aquelas das populações carentes infanto-juvenis, em contextos violentos. No caso brasileiro há centenas dessas “escolinhas” já contabilizadas, reconhecidas enquanto trabalho cultural e com estratégias baseadas na pedagogia esportiva da inclusão social. Envolvendo a práti-

6 — É conhecido e reconhecido o valor que a noção de “eficácia simbólica” tem na história do pensamento antropológico. Na obra de Claude Lévi-Strauss, *Antropologia estrutural*, Editora tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, ano 1996, há mais ou menos 25 importantes referências ao simbolismo.

7 — “Tenho mais medo de uma gazeta hostil, do que de cinco exércitos no campo de batalha.” Frase atribuída a Napoleão Bonaparte (1769/ 1821).

ca de diferentes modalidades, nomeadamente o futebol, muitas vezes o desporto assume a função de contraponto estratégico a situações sociais de privação, quando valoriza instituições imprescindíveis à vida social, como a educação e o trabalho. Nessas “escolinhas”, o boletim escolar ou a carteira de trabalho são pré-requisitos inegociáveis, para o ingresso e principalmente para a permanência de crianças e jovens em seus quadros. Os resultados pedagógicos são múltiplos e seus efeitos repercutem bem, até mesmo na mentalidade dos profissionais, na medida em que novos grupos de atletas chegam ao balneário, com um nível melhor de informação e conscientização. Merecem destaque as suas conquistas efetivas na diminuição dos índices de violência. Essas iniciativas estão espalhadas pelo mundo inteiro, sob o patrocínio da ONU, do COI e da FIFA, e são hoje reconhecidas por todos os organismos internacionais responsáveis, que as valorizam e incentivam novas experiências, transformando o desporto educativo numa política pública necessária. Nas duas últimas décadas, os estudos ao redor dos trabalhos dessas “escolas desportivas”, vêm se multiplicando, com significativo apoio institucional econômico e político, para além da incorporação de equipes multiprofissionais, o que resulta em um novo mercado de trabalho, para os formados em Educação Física, Serviço Social, Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Enfermagem, Direito, Administração. “A Pedagogia do desporto problematiza a ação humana, não na sua abrangência ou generalidade, mas apenas determinados tipos de ação humana marcados pelo empenhamento do movimento e da corporalidade. Mais concretamente visa analisar, interpretar e compreender as diferentes formas de ação lúdico-desportiva à luz de perspectivas pedagógicas”⁽⁹⁾.

O futebol é um “fato social total”, porque sintetiza os traços culturais dominantes de sua sociedade. É um dos maiores e mais importantes eventos da nossa cultura de massa e da massa. Numa palavra, a “cultura das multidões”. No Brasil (e não só), o futebol é um símbolo distintivo das identidades. A história de nosso futebol é um capítulo de nossas lutas sociais, contra a exclusão e os privilégios, de uma formação social rigidamente hierarquizada, concentradora de renda, de poder e de oportunidades. O futebol não resolve os nossos problemas sociais crônicos, é óbvio, mas ajuda a denunciá-los e a mostrar uma outra possibilidade de convivência social, onde as camadas subalternas de nossa estrutura tenham mais oportunidades de vida, de trabalho, de se afirmar em nossas instituições. Do ponto de vista educacional e político, o futebol tem um impacto simbólico importante para o país. Por isso, não podemos deixá-lo à deriva; é preciso cuidado, estudo e integração em políticas públicas de sociabilidade, cidadania e educação. É o futebol visto enquanto instrumento da não-violência.

Nos últimos anos a violência cresceu no Brasil e também no futebol, embora menos neste do que em outros setores. Essas estatísticas foram confirmadas por nossa investigação. O Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros de 2008, divulgado pelos Ministérios da Justiça e da Saúde mostra que a violência avança em quase todos os 5564 municípios do país, alcançando além das grandes cidades, as médias e pequenas e atinge mais o

segmento “jovem” - 15 a 24 anos, de acordo com a ONU. Nossa pesquisa sobre mortes de torcedores no Brasil foi contextualizada nesta conjuntura e foi uma parceria entre 2 universidades: a Uerj, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o Mestrado em Ciências da Atividade Física, da Universo, Universidade Salgado de Oliveira. Já vínhamos estudando as relações entre violência e futebol ⁽⁶⁾, desde 1990, no Núcleo de Sociologia do Futebol da Uerj e resolvemos investigar sua parte mais sombria, a que resulta em morte, sombria, segundo a legislação, os códigos de ética e o ordenamento institucional. Reiteramos que a nossa principal meta foi a de mapear as mortes dentro e fora dos estádios de futebol no Brasil, causadas por conflitos entre grupos de “torcedores organizados”. O recorte temporal foi a década de 1999/ 2008, por causa do recrudescimento das violências em geral no Brasil, incluindo o futebol, da “organização” do crime, do tráfico de drogas e de armas. O espaço social foi um conjunto de 10 grandes cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Recife, Goiânia, Florianópolis e Brasília. Como já dissemos, o levantamento das mortes foi feito nos principais jornais e revistas de cada região e depois detalhado, pelos Institutos Médicos Legais, que recolheram os corpos vitimizados e oficializaram a causa mortis e pelas delegacias policiais, que lavraram as ocorrências e descreveram os cenários dos crimes.

O processo de recolha e tratamento dos dados da investigação foi o seguinte: levantamento preliminar das mortes de torcedores, através do noticiário, confirmação do fato, por intermédio de consultas aos IMLs dos estados pesquisados, os quais têm por obrigação legal uma ficha de dados que faz uma descrição do óbito, de sua causa, local de ocorrência, além de informações pessoais e familiares da pessoa morta. Em seguida, consultando os inquéritos policiais abertos nas delegacias, foi possível confirmar, esclarecer e aprofundar as informações obtidas preliminarmente, como idade, endereço, escolaridade, profissão, renda, vínculo com as claques e outras. Nesse processo, recolhemos uma massa de informações e dados e tivemos que fazer uma seleção dos principais resultados (que seguem abaixo), de acordo com os objetivos da pesquisa e também com os aspectos que são considerados mais importantes, pelas Secretarias de Segurança Pública, para o planejamento de seus programas de controle e prevenção da violência.

Na década de 1990, mais precisamente, em 1995, depois de muitos conflitos violentos entre torcedores, a Promotoria Pública de São Paulo resolveu tomar uma medida drástica e proibiu as torcidas organizadas, começando pela Mancha Verde, do Palmeiras. Importa ressaltar, que essa medida não resultou e que a mesma claque se reestruturou com nome diferente e passou a se chamar Mancha Alvi-Verde.

De 1999 até 2008 houve 42 mortes e o pior é que a proporção é crescente: a média em 10 anos foi de 4.2 ao ano; nos últimos 5 anos, 5.6 e em 2007 e 2008, subiu para 7 óbitos. Mais grave: quase 80% dos mortos, não têm nenhuma ligação com grupos violentos, são cidadãos pacíficos, que pagam impostos e têm o direito de se divertir. Assim, a violência no futebol re-

pete a violência da sociedade brasileira. Nossa pesquisa continuou em 2009, o levantamento foi até 30 de Setembro e a projeção é de 10 a 12 mortos ao fim do ano. Importa referir que as violências entre torcedores atingem a quase todas as classes, não são consequências diretas da privação, da pobreza ou da miséria, apesar desses indicadores potencializarem as práticas transgressoras. Nessas realidades degradadas, a anomia, seguindo Dürkheim, chega a ser dominante, o que faz crescer as práticas violentas. São lugares degradados, degradantes e deveriam ser objetos de políticas públicas preventivas de alto nível, para diminuir a violência que assola o país e agride a consciência de nossa coletividade.

PERFIL DOS TORCEDORES MORTOS

A maioria (67%) dos óbitos é de “jovens” (15 a 24 anos). Reveladora conexão macro-social, de acordo com os dados do Ibge/ 2008: 76% ou 38 milhões dos nossos jovens, que são 50 milhões, residem em bairros que têm ligação direta ou indireta com o crime organizado, com as drogas e atualmente com as “milícias”. É a mesma faixa etária do “torcedor organizado delinquento”, que se envolve em ações de violência e homicídio. A origem social dos torcedores mortos é mais ou menos generalizada, atingindo a quase todos os extratos, embora a maior frequência dos óbitos (55%) seja nas chamadas classe média baixa e baixa, entre trabalhadores desempregados ou em atividades informais, sem estabilidade de contrato e salário. Outra conexão sociológica com a estrutura global do país: 20 milhões de jovens (40% do total) encontram-se sem atividade definida ou mesmo ignorada, o que sugere ligações ocasionais ou constantes com a marginalidade, o ilícito, a toxicodependência. É um universo masculino, no qual predomina uma cultura machista, autoritária, excludente e transgressora. Se no perfil dos violentos das torcidas, quase 90% são homens e 10% mulheres, no total dos homicídios, não há um só registro de morte de mulher. A escolaridade também é geral, mas predomina a faixa da 5ª série do Fundamental à 2ª do Ensino Médio. Há universitários e estudantes de pós-graduação *lato sensu*. Item relativamente novo do fenômeno da violência entre as claques no Brasil é o uso da *internet* como meio de provocação e divulgação (dia, hora e local), de conflitos a céu aberto. Dados das Secretarias de Segurança Pública (SSPs), a partir de 2005, demonstram que *sites* de relacionamento da rede, nomeadamente o Orkut, servem a esses objetivos inconstitucionais, já que propagam a intolerância e a violência. Esta ferramenta é empregada por grupos de jovens das organizadas, que têm domínio e vivência dessa cultura das técnicas digitais. Atuam com “inteligência”, em rede e com a conhecida velocidade dos meios eletrônicos, o que agravou o perfil da violência na década da investigação. Ainda segundo os dados das SSPs, 15% dos óbitos de torcedores resultaram de conflitos marcados previamente pela *internet* e ao que parece sem que essas claques fossem incomodadas pela polícia.

Os resultados da investigação foram oferecidos aos órgãos de segurança pública, como uma possível contribuição social da universidade, o que atende a uma exigência da Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 207. Os resultados da pesquisa indicam a necessidade de medidas imediatas de planejamento e organização de planos e programas de segurança coletiva no universo do futebol brasileiro, como a repressão ao crime, à circulação de armas brancas e armas de fogo, ao tráfico e consumo de drogas ilícitas e lícitas, como o álcool. Além disso, é preciso mais rigor na revista policial, na entrada dos estádios e nas áreas próximas, aumento do efetivo policial, de acordo com os jogos e medidas de prevenção, como o controle dos locais indicados previamente na *internet*, como lugares de conflito, delinquência e transgressão. Os instrumentos legais existem no país e as pesquisas mostram os pontos mais imediatos, por onde começar, como o aumento e a melhoria do treinamento policial, o controle e a responsabilização efetiva das claque, a organização do transporte coletivo, dentre outras medidas. Não basta ficar aí, conforme estamos apontando neste artigo, mas já seria um bom começo. Parece que o que está faltando mesmo é a chamada "vontade política", para alcançar a tríade fundamental de qualquer projeto de segurança pública e não apenas no futebol: a punição, a prevenção e a educação.

CONCLUSÕES

1) A sociedade brasileira é marcada por violências estruturais e históricas, muitas fundadoras, como o escravismo e o colonialismo. Discriminações, exclusões, impunidades, intolerâncias são dimensões do país. O contexto é estimulador de inúmeras violências, que se generalizam por quase todos os segmentos da vida social e esta é uma importante referência para o entendimento do problema e para a tomada de decisões em relação às práticas ilícitas, transgressoras e homicidas no futebol.

2) As torcidas são da década de 40: Uniformizada do São Paulo Futebol Clube (1940) e Charanga Rubro-Negra do Flamengo/ Rio de Janeiro (1942), liderada por Jaime de Carvalho, representante de todas as torcidas brasileiras na Copa de 1954 na Suíça, fato, hoje, inimaginável. De início, as torcidas eram carnavalizadas e as redes de sociabilidade eram quase familiares. Havia conflitos, sim, mas localizados.

3) Os grupos de torcedores militarizados e violentos da atualidade, em geral chamados "jovens", o que parece não ser mera coincidência, tiveram sua origem na conjuntura de 1969 a 1974, governo do General Emílio Médici, auge da repressão e do fechamento político da ditadura militar no Brasil (1964/ 1985). Esses grupos ligados à delinquência se consolidaram pela transgressão, pela agressividade e pela ilegalidade.

4) Proibir as organizadas, sob a alegação de que perderam os seus rumos originais? Se no Brasil pegasse esta e por este motivo, como ficariam o Congresso, a Saúde e a Educação? Não é por aí, como ficou provado na experiência de extinção da torcida "Mancha Verde", do Palmeiras, em São Paulo, 1995.

5) Não se pode ter paternalismo nem ser complacente com a ilegalidade, mas não se pode reduzir tudo à repressão. Imediatismo e sensacionalismo não ajudam, porque não contribuem para que o debate ético, jurídico e policial se eleve e não permaneça estacionado em reflexões e propostas primárias. Que iniciativas foram tomadas no Brasil, desde a metade dos anos 1980, quando a violência entre torcidas chegou às páginas policiais e meados de 1990, quando a violência passou a ser organizada em rede, pelos *sites* de relacionamento da *internet*? Ou quando drogas e armas formaram um “mercado negro”, nos setores violentos das torcidas organizadas? Tão óbvio quanto à gravidade dessas questões são as respostas: muito pouco foi feito e somente na repressão, menos na prevenção, bem menos na reeducação.

6) Os protocolos internacionais são quase unânimes em propor o seguinte modelo para a área de segurança pública, em qualquer setor, inclusive no futebol: repressão no curto prazo, prevenção no médio prazo e reeducação no longo prazo. Medidas integradas, permanentes, consistentes e de acordo com as culturas locais, atentas à criatividade, à inteligência e ao fator surpresa, itens essenciais em segurança.

7) A torcida é fundamental para a cultura, o espetáculo e a motivação do futebol. É parte integrante e necessária desse fenômeno sócio-cultural. Por isso, a questão de fundo não é proibir as torcidas organizadas, mas controlá-las pela Lei e pela ação orquestrada dos organismos policiais e do poder judiciário e reduzir a impunidade.

8) Juizado especial e delegacia móvel; cadastro de torcida; responsabilização do clube; aumento do efetivo policial e integração com torcedores pacíficos; cumprimento de pena alternativa em dia de jogo; mais transporte coletivo; abertura mais cedo dos portões de entrada; melhor iluminação no local; mídia, chefes de torcida e ídolos envolvidos em campanhas de paz; desconto para famílias, idosos, mulheres, crianças; prevenção nas áreas de risco, antes e depois do jogo. Esses são alguns exemplos de um conjunto maior disponível, com lastro na experiência internacional e mesmo nacional.

Um país que vai sediar a Copa do Mundo de 2014 e tem a cidade-sede da Olimpíada de 2016 (o Rio de Janeiro), eventos que devem primar fundamentalmente pela segurança pública, não pode ficar passivo diante desses quadros de agressividade e violência. Podemos, devemos e temos que aspirar resultados melhores. Os compromissos internacionais assumidos com a FIFA e com o COI são provas documentadas e assinados pelos governos, nos três níveis do poder público: municipal, estadual e federal. É preciso começar a agir já e não há melhor motivação do que esses megaeventos desportivos, nos quais os investimentos econômicos, os interesses políticos, a vigilância e a pressão nacionais e internacionais são incomensuráveis. Nenhum evento cultural será a panacéia de nossa dívida social, de nossas desigualdades seculares, estruturais e históricas, mas poderá ajudar e muito.

REFERÊNCIAS

1. Bobbio N (1995). *Dicionário de Política*. Brasília: UnB.
2. Debord G (1971). *Société du Spectacle*. Paris: Champ Libre.
3. Lévi-Strauss C (1970). *Estruturalismo, antologia de textos teóricos*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
4. Murad M (1996). *Das Pés à Cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural.
5. Murad M (2004). *Das Relações, Fronteiras e Questionamentos entre Violência e Futebol: fundamentos sociológicos, antropológicos e estudos-de-caso*. Tese de Doutorado. Porto, Portugal: FADE/UP.
6. Murad M (2007). *A Violência e o Futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
7. Murad M (2009). *Sociologia e Educação Física: diálogos, linguagens do corpo, esportes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
8. Pereira CAM (2000). *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro: Rocco.
9. Pinheiro PS (2000). *Democracia, violência e injustiça: o não-Estado de direito na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
10. Ribeiro D (1999). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
11. Ries A, Trout J (2006). *Marketing de Guerra*. São Paulo: M. Books do Brasil.
12. Staden H (1999). *Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*. São Paulo: Terceiro Nome, 106.
13. Vieira A (1954). *Sermões*. Rio de Janeiro: Jackson Editores.
14. Wisnik JG (2008). *Veneno Remédio: futebol e sociedade no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.